



Desdobramentos de uma experiência de formação em sistemas agroflorestais entre o povo indígena Terena

Unfolding of a training experience in agroforestry systems among Terena indigenous people

MELO, Aislan Vieira¹; SANT'ANA, Graziella Reis²

¹ Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, aislanmelo@gmail.com;

² Instituição, santana.gra@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: A introdução da agricultura moderna em terras indígenas resultou na perda de autonomia e sustentabilidade econômica, política e ambiental para muitos povos indígenas. A educação no campo com foco na etnoagroecologia é um dos caminhos para reverter essa situação. Este texto apresenta um curso de agricultor agroflorestal que foi executado junto ao povo Terena na TI Cachoeirinha com seus desdobramentos e procura refletir sucintamente sobre como ações de educação no campo com foco em agroecologia podem contribuir para a valorização dos conhecimentos ancestrais e transformar a realidade de uma comunidade. Acompanhando os concluintes do curso, percebe-se que os resultados do curso reverberam pela comunidade onde vivem e fora dela. Como aprendizado, destacam-se a importância da articulação entre ações intervencionistas em torno de objetivos comuns, adequação aos anseios e realidades do público e o protagonismo indígena na definição da ação, construção dos objetivos e metodologias empregadas.

Palavras-Chave: educação do campo; povos indígenas; etnoagroecologia.

Contexto

Os povos indígenas que vivem no território brasileiro expressam uma multiplicidade de contextos territoriais, históricos e de relações. Encontram-se nos centros urbanos (em aldeias ou não), nas Terras Indígenas (TIs), em contexto de não contato e isolamento, em trânsito. Somam mais de 305 etnias e falam cerca de 274 línguas (IBGE, 2012), com uma profunda diversidade histórica, cultural, cosmológica e de contato.

Em meio a essa diversidade e complexidade, pode-se encontrar similaridades entre algumas dessas realidades, tanto no que se refere ao seu passado, quanto ao presente. Exemplo são aqueles povos que tiveram intenso contato com a sociedade não-indígena durante o período em que vigorava a concepção da “integração à sociedade nacional” em um sistema estruturado de intervenção integracionista, sobretudo entre início do século XX até por volta de 1980 (SOUZA LIMA, 1995). Alguns desses povos vivenciaram o processo da Revolução Verde, com a imposição (pelo poder tutelar do período) de um modo de plantio baseado na monocultura, em pacotes tecnológicos (sementes, fertilizantes químicos, maquinários, etc.) voltados para a produção de gêneros com melhor aceitação comercial.



Como resultado, esses povos (entre eles o povo Terena) compartilham, dentre outros: enfraquecimento dos conhecimentos e das formas tradicionais de plantio; incentivos e valorização do modo de produção não indígena; perda de espécies e sementes que deixaram de ser cultivadas e coletadas; queda na fertilidade do solo; perda da autonomia econômica e social devido à dependência de insumos externos para o plantio; dependência de produtos industrializados para suprir o que se deixou de produzir ou se passou a consumir com os novos hábitos alimentares introduzidos.

Nesse contexto, a educação no campo com enfoque etnoagroecológico pode ser um dos caminhos para o fortalecimento dos modos tradicionais de plantio e da recuperação da autonomia econômica.

O foco deste texto é refletir sobre uma experiência de educação no campo, a partir de um curso de agricultor agroflorestal que ocorreu integralmente na TI Cachoeirinha do povo Terena, terra que está localizada a cerca de 15 quilômetros do município de Miranda, estado do Mato Grosso do Sul. Mais do que tratar sobre o curso em si, este texto apresenta e reflete sucintamente sobre os desdobramentos do curso para os concluintes e para a comunidade como um todo, após quase uma década.

Especificamente, portanto, nosso objetivo é o de complementar e aprofundar reflexões desenvolvidas em outras oportunidades (ANTONIO; SANT'ANA; MELO, 2016; MELO, SANT'ANA, 2014). O acompanhamento do desenrolar dos resultados a longo prazo da experiência do curso, mostrou-se uma interessante e propícia metodologia para se refletir sobre várias questões que se impõem acerca da educação no campo, tais como: epistemologias da agroecologia, diálogo de saberes ancestrais e acadêmicos, currículo da educação em agroecologia e povos indígenas, políticas públicas de educação em agroecologia.

O texto se constitui da seguinte forma: primeiro discorreremos sobre o curso, depois traremos alguns desdobramentos vivenciados na comunidade desenvolvendo rapidamente acerca das temáticas acima.

Descrição da Experiência

Em 2014, o Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS) foi instado a participar do Projeto Gestão Ambiental e Territorial Indígena (GATI) que vinha sendo desenvolvido pelo movimento indígena e organismos governamentais (Fundação Nacional do Índio e Ministério do Meio Ambiente), não-governamentais (The Nature Conservancy) e internacionais (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e Fundo Global para o Meio Ambiente) em algumas TIs em todos os biomas brasileiros¹. Especificamente, o IFMS foi inserido no processo como instituição governamental que poderia apoiar ações de formação técnica que tinham

¹ Para maiores detalhes ver: <http://cggamgati.funai.gov.br/index.php/projeto-gati/o-que-e-o-gati/>.



sido iniciadas na TI Cachoeirinha, devido a sua expertise e natureza de atuação na educação técnica e tecnológica.

Aprofundar a formação em sistemas agroflorestais (safes) em conexão com os saberes tradicionais era o objetivo dos indígenas participantes do projeto. Reuniões foram realizadas na TI para definir o curso e a modalidade, carga horária, estrutura curricular e conteúdos a serem desenvolvidos, local de execução, participantes, estratégias de articulação política interna (envolvendo as lideranças) e externa (gestão do IFMS, PNUD), etc.

Para a execução do curso, o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) foi acessado pelo IFMS para, juntamente com o PNUD e o próprio IFMS, financiarem o curso.

O curso de Formação Continuada em Agricultor Agroflorestal foi realizado integralmente na TI, em datas definidas pelo grupo, com estrutura curricular e conteúdos definidos pelos indígenas e codificados nas ementas das disciplinas (mesmo as obrigatórias seguiram a realidade e os desejos do grupo), ministradas por professores indígenas e não-indígenas, articulando saberes tradicionais e acadêmicos.

Foram certificados 30 alunos entre 16 e 71 anos de idade, dentre mulheres, homens, jovens (meninos e meninas) moradores do território indígena, com muita ou pouca experiência em plantio de roça ou quintais.²

Resultados

Após quase 10 anos da execução do curso, muitos frutos são percebidos como decorrentes dos debates e das trocas de conhecimento durante as aulas em articulação com as atividades desenvolvidas pelo projeto GATI.

A quase totalidade dos alunos do curso já vinham num processo de formação em agroecologia e já estavam num processo de constituição identitária e se autodenominavam “Família Gati”, em razão de fazerem parte do projeto GATI. A experiência do curso de agricultor agroflorestal foi percebida por esses alunos, dentre outros, como mais um passo no fortalecimento do sentimento de grupo e na vontade de poderem se constituir como uma organização formalizada perante a legislação brasileira, visando desenvolver seus próprios projetos com foco na produção etnoagroecológica e na recuperação dos saberes tradicionais, para alcançarem sustentabilidade e fortalecimento cultural, econômico, ambiental, social e político.

Como consequência do curso e das outras ações do projeto GATI, parte dos alunos, somados a outros membros da Família Gati, começaram as conversas que

² Para melhor detalhamento sobre como o curso foi idealizado e alguns conteúdos desenvolvidos ver: Antonio, Sant’Ana e Melo (2016).



resultaram, cerca de seis meses depois, na constituição da organização Coletivo Ambientalista Indígena de Ação para Natureza, Agroecologia e Sustentabilidade (CAIANAS), importante organização indígena que desenvolve dezenas de ações voltadas à etnoagroecologia, não somente em territórios Terena, mas também de outras etnias dentro e fora do estado do MS.

Além disso, dois concluintes ingressaram no bacharelado em Engenharia Florestal na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), o que levou, posteriormente, ao firmamento do acordo de cooperação técnica entre CAIANAS e UEMS para que alunos indígenas pudessem cumprir períodos de estágio apoiando as ações agroecológicas desenvolvidas pelos membros da Caianas.

A experiência do curso também foi transformada em livro composto por alguns conteúdos desenvolvidos durante as disciplinas, numa linguagem mais didática e que, distribuído às escolas indígenas das TIs habitadas pelo povo Terena do estado, ramificou a experiência para outras localidades (ANTONIO; SANT'ANA; MELO, 2016) e contribuiu didaticamente para os debates e formação em sala de aula.

O curso ajudou, a partir da formação oferecida, na consolidação do projeto de plantios agroecológicos na escola da aldeia Mãe Terra, bem como apoiou a inserção de ações de plantios agroecológicos na escola da aldeia Argola, haja vista que os monitores dessas atividades foram alunos concluintes do curso.

É preciso mencionar também que os plantios familiares (roças e quintais) dos concluintes do curso também foram incrementados. Outro importante resultado tem origem na característica não restritiva do curso, uma vez que, mesmo sem estarem matriculados, outras pessoas participaram das aulas sobre conteúdos que os interessavam, disseminando os conhecimentos produzidos durante o curso para além daqueles que receberam o diploma.

Durante o curso, foram valorizados os conhecimentos tradicionais relacionados ao plantio, tais como calendário agrícola, conhecimentos botânicos e hídricos, sementes (coleta, seleção, preparo e armazenamento). Essa valorização e articulação com os conhecimentos, forneceram as bases para que os alunos fossem, durante ou após o curso, em busca dos anciões e anciãs que detinham técnicas de plantio tradicionais, sementes crioulas e de espécies cultivadas tradicionalmente.

Também foi fundamental o apoio ao fortalecimento e à valorização das práticas xamânicas relacionadas ao plantio e à relação mais ampla com os elementos que compõem o ambiente do território (INGOLD, 2015) – o que inclui os recursos naturais (biodiversidade) e demais elementos (espíritos e outros seres).

Durante o curso, alguns alunos, lideranças, professores indígenas e apoiadores não-indígenas, iniciaram conversas que resultaram na elaboração de um projeto de curso de bacharelado em Agroecologia Indígena, cuja ideia era ser ofertado em



parceria interinstitucional envolvendo IFMS e UEMS. O projeto chegou a ser apresentado ao Ministério da Educação, mas devido às questões políticas que atingiram o país nos anos de 2015-2016, o curso não chegou a ser implantado³.

Considerações Finais

De modo sucinto, procuramos apresentar alguns frutos decorrentes da experiência do curso de agricultor agroflorestral realizado na TI Cachoeirinha do povo Terena. Gostaríamos de finalizar destacando alguns pontos interessantes dessa experiência que estão relacionados com as temáticas que mencionamos na introdução deste texto.

Os principais aspectos do processo foram: o protagonismo político do grupo indígena envolvido (no diálogo com as instituições, na escolha do curso, no local realizado, nas disciplinas ministradas, etc.); a junção de saberes na construção e execução do curso, direcionando o currículo e as aulas ministradas, com o diálogo constante e simétrico entre saberes indígenas e acadêmicos; e o início da construção de uma epistemologia indígena da agroecologia que eles vêm denominando como etnoagroecologia ou agroecologia indígena.

Durante e logo após a finalização do curso, viu-se um movimento nos concluintes de absorção e apropriação de técnicas trazidas pelos conhecimentos acadêmicos agroecológicos e de técnicas tradicionais de plantio aprendidas ou adormecidas (porque o agricultor tinha deixado de utilizar).

Importante mencionar que os resultados relacionados à produção e colheita de gêneros alimentícios (legumes, verduras, frutos, raízes, etc.) incentivaram outras pessoas que não participaram do curso a se aproximarem e passarem a solicitar apoio na transição para o tipo de plantio agroecológico – tanto na TI Cachoeirinha como em outras TIs.

Além disso, fica evidente que o movimento de disseminação de técnicas da agroecologia indígena na Cachoeirinha e, também para outras TIs Terena ou de outros povos indígenas, vem acompanhado da percepção de valorização dos conhecimentos tradicionais e do fortalecimento das relações mais harmônicas com o ambiente do entorno.

Por fim, destaca-se na experiência a articulação das políticas públicas em torno de objetivos comuns, bem como sua adequação à realidade do público-alvo e a centralidade do protagonismo indígena na definição da ação intervencionista e na construção dos objetivos e das metodologias a serem empregadas na ação.

³ Há boas expectativas de que o curso seja executado pelo Ministério dos Povos Indígenas.



Referências bibliográficas

ANTONIO, L.; SANT'ANA, G.R.; MELO, A.V. (orgs.). **O curso Agricultor Agroflorestal na promoção da autonomia Terena**: uma articulação entre a Família GATI (Organização CAIANAS), Projeto GATI e IFMS/PRONATEC. – Brasília: Projeto GATI/FUNAI, 2016. 79p.

INGOLD, T. **Estar vivo**. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis; Vozes, 2015. 325p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Os indígenas no Censo Demográfico 2010 primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Brasília-DF, 2012. 31 p.

MELO, A.V.; SANT'ANA, G.R. Fortalecendo Processos Agroflorestais entre os Terena: Pronatec-IFMS na Terra Indígena Cachoeirinha. **Cadernos de Agroecologia**, vol. 9, nº. 4, nov. 2014.

SOUZA LIMA, A.C. **Um Grande Cerco de Paz**. Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1995. 335p.